

Guardiões da floresta: Índios colombianos gerem suas terras

Categories : [Reportagens](#)

Um grupo de cinco indígenas colombianos da região amazônica foi à Rio+20 para defender seu papel de “guardiões da selva” e afirmar que eles, também, podem dar sua parcela de contribuição na preservação da floresta e no resguardo da biodiversidade. No grupo, estava Roberto Marina Noreña, 46 anos, da etnia barasano, que saiu da terra onde vive na divisa dos estados Vaupés e Amazonas, sudeste da Colômbia, e viajou durante sete horas de avião, até o Rio de Janeiro, para participar da conferência e mostrar a experiência de seu povo no manejo sustentável.

Os barasanos vivem no Rio Pirá Paraná e tem a gestão legal de seu território desde 1991, ano da nova Constituição colombiana, que incluiu os direitos dos povos indígenas de gerir seus territórios. A Colômbia se destacou na região por conceder, há 21 anos, pelo então presidente Virgilio Barco, a entrega aos povos indígenas da Amazônia dos títulos de propriedade sobre 20 milhões de hectares.

Hoje, metade do território colombiano é coberto por florestas. E os indígenas, que representam apenas 2% da população colombiana, detêm 30% das áreas verdes. “Somos originários desse lugar. Foi uma conquista que o Estado colombiano reconheceu. Temos, hoje, o nosso direito de igualdade como qualquer pessoa do país. Culturalmente, nossos ancestrais deixaram toda a política necessária para bem administrar os recursos do meio ambiente”, disse Roberto Noreña.

O indígena barasano foi à Rio+20 representando a Associação de Capitães e Autoridades Tradicionais Indígenas do rio Pirá Paraná (ACAIPI), que desenvolveu um plano de salvaguarda da manifestação Hee Yaia Kéti Oka (Jaguares do Yurupari), o conhecimento tradicional para o manejo do mundo dos grupos indígenas do rio Pirá Paraná. “Para garantir nossa existência, temos um manejo de cultivo típico, um sistema de conhecimento e, dessa forma, temos a política de sustentabilidade”, explicou.

Somente a associação ACAIPI reúne 17 comunidades indígenas e 39 malocas tradicionais, com uma população de 2.500 pessoas, que vivem em uma área de 4.500 quilômetros quadrados.

Noreña admitiu que o diálogo inicial com as autoridades foi difícil. “No início, desconfiavam que nós não seríamos capazes de assumir essa descentralização administrativa. Mas sempre fomos pacíficos, responsáveis e enfrentamos as barreiras com calma”.

A experiência dos barasanos e de outros, como os piapoco e os curipaco do rio Negro, os

tanimuka e letuama dos rios Wakaya e Oiyaca, foi reunida na publicação “Guardiões da Selva – Governabilidade e autonomia na Amazônia Colombiana”, em espanhol, lançada na Rio+20 pela Consolidação Amazônica (COAMA) em parceria com o programa de bosques tropicais da União Europeia.

Para o antropólogo Martin Von Hildebrand, da Fundação Gaia Amazonas e coordenador da COAMA, ainda que restrita ao território colombiano, que ocupa 7% do total da Amazônia, esta experiência começa a dar frutos. Ele defende a necessidade de trabalhar em parceria com os povos indígenas para preservar a floresta.

“O nordeste da bacia amazônica ainda é uma região desconhecida e bem conservada pelos povos indígenas, uma área com alta biodiversidade. Eles são povos que já estavam aqui antes dos europeus, são culturas tão antigas e diferentes, e não destruíram o planeta como nós. Eles têm muito a oferecer”, disse Von Hildebrand. “Eles dão uma enorme contribuição ao conhecimento da medicina, alimentação e proteção ao meio ambiente. Há coisas que os indígenas entendem e que a ciência ainda não pode medir”.

Somente na Colômbia, existem 85 etnias indígenas e 68 línguas distintas e, segundo a COAMA, 95% dos povos detêm hoje o direito legal de gerir suas terras.

Conheça

[**InfoAmazonia**](#), a nova ferramenta de ((o))eco e da Internews para acompanhar notícias e dados de desmatamento, incêndios e mineração na região.

Leia também

[Índios Xavantes, desterrados e esquecidos](#)

[Indígenas e megaprojetos da IIRSA na Venezuela](#)

[Os índios mais vulneráveis da Amazônia](#)